José Guimarães
A Campainha
virtualbooks

A CAMPAINHA
José Guimarães

Todas as tardes, logo após o almoço, Alex subia com seus amigos uma extensa avenida para ir à escola.
Eles iam brincando, falando alto, empurrando um ao outro, se divertindo.
Só que apertavam também a campainha de algumas das casas por onde passavam.
Tocavam a campainha e depois saíam correndo, antes que aparecesse alguém para atendê-los.
Dona Carla, a mãe de Alex, vivia lhe dizendo:
- Alex, não fica apertando a campainha dos outros. Você ainda pode se dar mal.
Porém, Alex lhe respondia:
- É só uma brincadeira, mãe, uma diversão. Todo mundo faz isso.
- Todo mundo, vírgula. Só os rebeldes o fazem.
Numa tarde, porém, quando somente Alex e Augusto subiam a avenida, ao ver uma campainha luminosa Alex a mostrou:

- Olha lá, Augusto! Uma campainha da hora! Quem você acha vai ser o primeiro a estrear a fera?
Porém, antes que Augusto respondesse ele correu e apertou o botão.
Só que, como em um passe de mágica: “Ploft!”. Ele desapareceu!
- ALEEEX! - Augusto gritou, mas já era tarde demais, porque Alex tinha desaparecido tão súbita e misteriosamente que se poderia pensar que tivesse evaporado.
Augusto saiu correndo dali, assustado, e só parou na escola. Lá chegando, cansado, encontrou a Professora Sandra no pátio, conversando com alguns alunos antes do inicio da aula e contou-lhe o acontecido. Ou melhor, tentou contar porque ele pouco ou nada conseguia explicar e a Professora Sandra muito menos entender. Contudo, para não assustar as outras crianças, levou-o à Diretoria.
Lá, Dona Norma, a Diretora perguntou:
- O que aconteceu?
- A campainha, Diretora! A campainha!... – disse Augusto bem aflito.
- Sim, mas o que tem a campainha?
- Alex apertou ela e... Ele desapareceu! É sim. Acho que abriu um buraco no chão que engoliu ele.
A Diretora olhou confusa para a Professora e depois falou:
- Calma, Augusto. Respire bem fundo.
Augusto respirou.
Dona Norma deu-lhe um copo d’água.
Augusto bebeu-a rapidamente.
Em seguida, uma bala. Augusto desembrulhou-a e a pôs na boca.
- Muito bem. Agora nos explica direitinho o que aconteceu. Alex apertou a campainha da casa, por quê? O que ele queria lá?
- Por nada, Dona Norma. Ele não queria nada, não. A gente só estava brincando.
- Ah, é? Brincando de apertar campainha da casa dos outros, Augusto? – zangou a Professora Sandra. - Então você é dos que apertam a campainha e depois saem correndo?
- Não, Professora, não é isso! Isto é, sim!... Não!...

- Que bonito, hem, Sr. Augusto! Nunca pensei que o senhor fosse capaz de fazer isso. – tornou a Professora Sandra. – A gente ensina as boas maneiras aqui e vocês lá fora fazem coisas erradas! E se apertassem a campainha de sua casa e saíssem correndo, você iria gostar?
- Claro que não, Professora. Mas lá não é uma casa que mora gente, não. É só uma construção abandonada.
- Como assim?
- A gente passa por lá todos os dias e nunca vê campainha nenhuma. Só vimos hoje. Um botão luminoso bem bonito, diferente dos outros. Mas foi Alex que viu primeiro e foi ele que apertou.
A Diretora olhou confusa para a Professora, como a dizer: "Que história mais esquisita, não acha?". Depois, pôs a mão na testa de Augusto, preocupada porque ele suava muito.
- Nossa, Augusto, você está com febre. Está se sentindo bem, meu filho?
- Estou, Dona Norma. Estou me sentindo muito bem. – Apontou para trás e falou: - Quem não está bem é Alex, que desapareceu na minha frente. Ele, sim, precisa de ajuda.
- Como não está doente, Augusto? – a Diretora o interrompeu.
- Então por que essa febre toda? Sua mãe não viu, antes de você sair de casa? Vou chamá-la imediatamente.
- Não, Diretora, eu não estou doente, não. Nem precisa chamar mamãe. A senhora só precisa ajudar Alex.
A Diretora chamou a Professora numa sala ao lado e lhe falou:
- Por favor, ligue para a mãe dele. Peça-lhe que venha para cá urgente. Para o Dr. Samuel também. Diga-lhe que temos um aluno com suspeita de meningite. Está com febre, sua muito e delira.
Depois, voltou à Diretoria para conversar com Augusto.
- Quer mais uma bala? Água?
- Quero, Diretora. Muito obrigado.
- De nada.
Minutos depois a Professora Sandra voltou.
- Tudo resolvido.
- Ótimo.
- A senhora não ligou pra mamãe, né? – perguntou Augusto para a Professora.
- Calma, Augusto, é assunto nosso – respondeu a Diretora.

Nisso a campainha da escola soou, indicando o início das aulas.
- Vá para sua classe, Professora Sandra – disse Dona Norma. – As crianças não devem ficar sozinhas lá. Não conte a elas nada do que ouviu aqui, está bem? Deixe que eu cuide do menino. Só quero que peça a Anelise para vir aqui.
- Está bem, Dona Norma, pedirei.
Minutos depois, Dona Norma soube por Anelise, Secretária da escola, que outros alunos também faltaram.
Dona Norma dispensou Anelise e chamou Walkiria, a Orientadora Educacional.
- Que está acontecendo hoje aqui, meu Deus! Se não é véspera de feriado prolongado nem nada, por que tanta falta?
- É estranho – disse Walkiria. – Vou ligar para a casa de cada uma dessas crianças.
- Sim, faça isso. E eu, para a Polícia. A história de Augusto pode parecer absurda, mas precisa ser investigada.
- Não seria precipitação, não, Dona Norma? – perguntou Walkiria.
- Não! Quanto mais cedo comunicarmos esse fato, melhor.
É claro que a movimentação na escola aumentou.

☺ ☺ ☺

Enquanto isso, lá no subterrâneo da construção, Alex passava por situações difíceis. Descobriu que havia caído numa armadilha invisível. Não só ele, mas também outras crianças: todas as que apertaram a tal campainha luminosa.
Logo que descera fora atacado por uma criatura semelhante a um cão – pois rosnava e mostrava uns dentões afiados - que o perseguira algum tempo. Fugiu com destreza do animal esquisito e se escondeu atrás de uns caixotes. Estava muito escuro ali.
Porém, quando seus olhos se acostumaram com a escuridão, descobriu que os caixotes eram jaulas de ferro horrorosas, todas vazias. Baratas e ratos andavam nos vãos. Ignorou-os. Não adiantava se preocupar com eles naquele momento.
Todavia, sentiu uma espécie de cócegas nas mãos e nos pés; quando conseguiu ver direito, descobriu que aranhas pernudas subiam em seu corpo. Não gritou. Só passou as mãos pe-

lo corpo rapidamente a fim de livrar-se delas. “Que doideira é isto aqui, meu Deus?!”, pensou. Mas não podia sair dali porque seria pego por Trevor. “Melhor afugentar as aranhas que enfrentar o monstro”, concluiu.
Seu maior medo, entretanto, foi se lembrar do que o avô disse: “Onde tem rato, tem cobra, porque um não vive sem o outro.” Então torceu para não ver nenhuma cobra ali. Mas via minhoca, lagartixa, lesma, mosquito, caramujo, centopéia... Bichos que achou que não representam perigo. “Isto aqui parece o paraíso deles”, pensou. “Eu é que estou no lugar errado.” Continuou torcendo para não ver cobras nem escorpiões, que são venenosos.
Entrementes, ouviu vozes de crianças nos fundos e isso varreu cobras e escorpiões do pensamento dele. Decidido a localizar as crianças, procurou até encontrá-las. Não foi difícil andar por ali porque Trevor estava dormindo. Ele só acordava para pegar as crianças que caíam na armadilha.
Alex encontrou as crianças enjauladas como animais selvagens. Algumas estudavam na mesma escola que ele.
- Alex, tira a gente daqui! – gritaram as crianças.
- Chiii!... – fez sinal para que ficassem quietas, encostando o indicador nos lábios, como via a Professora Sandra fazer. Depois cochichou: “Fiquem quietas. Vou descobrir um jeito de a gente sair daqui”.
Agora ele não precisava mais de explicação. As crianças tocaram a campainha luminosa, como ele também tocou, e depois caíram na armadilha invisível.
Mas por que estavam presas em jaulas? Não encontrou explicação.
Entretanto, achou melhor se esconder logo, antes que seu destino fosse a jaula também.
Decisão certa, porque não demorou muito surgiram duas sombras esquisitas, que pararam bem perto de onde ele estava.
- Você não disse que caiu outro exemplar na armadilha? – perguntou uma das sombras.
- Sim. A campainha foi acionada e os ruídos de Trevor o denunciaram – respondeu a outra.
- Ótimo! Mas, afinal, onde ele está nossa presa e por que Trevor não a pegou?

- Não sei, Sr. Blosphe, mas não se preocupe, porque vou encontrá-la já, já. Deve ser bem mais esperta e ágil que as outras, por isso Trevor não a pegou.
- Então é melhor prender logo essa criatura rebelde junto com as outras, antes que possa escapar.
- Escapar daqui, Sr. Blosphe? Nunca!
- Olhe lá!...
- Não se esqueça de que em todos os planetas em que estivemos sempre nos saímos bem. Neste não será diferente.
- Você é formidável, Glapho! É o meu assistente favorito.
- Muito obrigado, Sr. Blosphe. Fico feliz em saber. Também gosto de trabalhar com o senhor.
- De nada, Glapho. Precisamos comemorar nosso sucesso neste planeta. Só conseguimos carne tenra, de primeira. Estamos indo muito bem.
- Sim, precisamos comemorar. Afinal, já temos um bom estoque.
- E aguardar a próxima vítima cair na armadilha. Ah! Ah! Ah! Ah!...
- E tirar Trevor da sonolência. Ah! Ah! Ah! Ah!... Ele pensa que veio a este planeta só pra dormir. Ah! Ah! Ah! Ah!... Tá velho e preguiçoso! Ah! Ah! Ah! Ah!...
- Sua estratégia da campainha luminosa pegou os fedelhos daqui que nem patinhos. É impressionante como eles caem com facilidade na armadilha.
- Sim. Valeu a pena nossa observação sobre o comportamento deles. Apertam a campainha e depois saem correndo.
- Só que agora eles apertam pela última vez. Ah! Ah! Ah! Ah!...
- E não têm ninguém que os salve! Ah! Ah! Ah! Ah!...
- Sim, e nunca seremos descobertos, porque só as crianças vêem a campainha. Ah! Ah! Ah! Ah!... Os adultos passam e não vêem nada. Ah! Ah! Ah! Ah!...
- Jamais saberão da armadilha invisível. Ah! Ah! Ah! Ah!...
E saíram dali.
“Então é isso”, pensou Alex. “São seres de outro planeta e pegam a gente como animal selvagem. E só os que apertam a campainha. Maldita campainha luminosa do diabo! Por que fui apertar ela? Agora, vamos virar o jantar deles.”
Saiu do esconderijo em completo silêncio, sabendo que corria mais perigo do que imaginara. Não só ele, mas também as

crianças enjauladas e as que teriam a infelicidade de aparecer.
"Preciso encontrar um jeito de tirar todo mundo daqui e bem rápido", pensou Alex. Entretanto, sua maior preocupação agora seria não encontrar o tal Trevor. Era ele que pegava as crianças.
"E se eu subisse?". Não, não havia jeito, pois não havia escada ali.
Pé ante pé procurou saída.
Fora os ruídos das crianças lá dentro e o ronco de Trevor, tudo era silêncio naquele lugar medonho. Incrível, nem barulho de carro lá fora ele ouvia; nem latido de cão, nem voz de gente.
"Mas que lugar esquisito é este, um labirinto?" – perguntou a si próprio. "A gente não escuta barulho nenhum aqui. Aonde vim parar, afinal?"
"Não sei, não. Só sei é que estou preso e quando sair nunca mais vou apertar campainha nenhuma nem que meus amigos riem de mim e me chamem de molenga."
Lembrou-se da mãe. Se lhe tivesse obedecido...
Somente então se lembrou de que estava numa construção abandonada. Um sobrado meio quadrado, meio redondo...
Lembrou-se também de que Augusto estava com ele.
"Será que ele correu em busca de ajuda? Não, acho que não. Deve ter ido pra escola, entrado na aula e pronto! Senão a ajuda já teria vindo."
Podia ser também que Augusto nem fosse tão amigo dele assim como ele pensava. Que tivesse simplesmente ido para a escola, assistido a aula, brincado com os colegas... Não, Augusto não faria isso, nunca! Mas, será?... "Bem, pelo menos eu não faria isso se fosse ele", concluiu por fim. Quis chorar, mas de nada adiantaria porque faria barulho e de um modo ou de outro alguém ouviria. Alguém que não o ajudaria, claro. Ao contrário, que o prenderia. "Oh, Deus, tire-me daqui", sussurrou. "Eu determino minha saída já. Jesus Cristo, o Senhor disse que se a gente tiver fé, a gente consegue fazer qualquer coisa. Eu só quero sair daqui, agora!"

Na escola, o Dr. Samuel examinou Augusto, e disse que ele estava com virose, e precisava de repouso. Levaram-no à enfermaria.
“Eu preciso sair daqui. Preciso salvar Alex”, dizia Augusto a si próprio. “Ninguém acredita em mim e não adianta eu contar o que sei, porque acham que estou doente ou maluco. Não estou doente nem sou maluco. Só estou preocupado. Sabe de uma coisa? Vou sair daqui agorinha e libertar meu amigo. Sei que ele está preso naquele lugar estranho.”
Assim, driblou todo mundo e fugiu em disparada.

☺ ☺ ☺

A mãe de Alex não tinha sido encontrada em casa. Por isso, a Diretora ficou sem saber se ele havia ido à escola ou não.
Como a história de Augusto martelava sua cabeça, chamou o Sr. Geraldo, porteiro da escola.
- Pois não, Dona Norma – disse o Sr. Geraldo, brincalhão como sempre.
- Gostaria que você fosse comigo a um lugar cujo endereço não sei.
- Sim, senhora. Mas se a senhora não sabe o endereço, como vamos chegar lá?
- Indo, Geraldo. Seguindo a indicação que tenho.
- Ah, bom!... Aí é diferente. Pensei que a senhora não soubesse.
Lá chegando, não encontraram ninguém. Dona Norma perguntou:
- Será que é aqui mesmo?
- Só pode ser, Dona Norma. É a única obra abandonada nesta avenida. As outras estão em andamento.
- Não vejo nenhuma campainha aqui. Você vê alguma, Geraldo?
- Não, Dona Norma. Nenhuma. Acho até esquisito.
- Por quê?
- Por que ia ter campainha no muro se a construção é abandonada?
- Não sei. Augusto disse que havia uma campainha luminosa no muro, que Alex apertou ela e... – Dona Norma fez gesto no

ar com as mãos indicando evaporação - ...Ele simplesmente desapareceu.
- Minha, nossa! Virge! Fiquei até com medo. Mas é estranho, Dona Norma. Será que não é imaginação desse menino? Sei não, crianças inventam cada história... Ficam vendo filmes policiais, de suspense ou de terror até tarde e depois pensam que a história acontece com eles. Veja bem, se a construção é abandonada, por que ia ter campainha no muro?
- Não sei. O menino falou com tanta convicção...
- Será que ele não se enganou? Que foi sozinho pra escola e pensa que estava com o colega?
- Não sei também.
- Tá danado!
- Se está...
Bateram palmas, gritaram. Ninguém os atendeu.
- Vamos embora deste lugar horroroso, Geraldo. Meu sexto sentido me diz pra sairmos logo daqui. Vamos aguardar a Polícia na escola.
- A senhora chamou a Polícia?
- Chamei.
- Chi!... Então a coisa é séria mesmo, hem?
- Se é... O que me preocupa, Geraldo, é que muitos alunos do primário também faltaram.
- É mesmo, Dona Norma? É por isso que não vi uns pares deles lá. Será que não mataram aula pra ir pro cinema? Eu fazia isso quando estudava, lá em São Paulo.
- Bela revelação, hem, Geraldo? Matar aula pra ir ao cinema? Meus alunos não fazem isso. Mesmo porque aqui em Pouso Alegre só se passa filme para criança no sábado e domingo. Por outro lado, as mães encontradas em casa disseram que seus filhos vieram à escola. O problema é que elas ficaram preocupadas também.
- Então vai encher de gente lá na escola. Repórter de Rádio, Jornal, TV, vendedor de pipoca... A senhora acha que...
- ...Está acontecendo algo horrível com nossas crianças? Sim, acho, e estou com medo. Afinal, com tantas notícias ruins rondando por aí...
- Virge! Nossa! Cruz-credo!...
Foram à escola, onde, conforme o Sr. Geraldo previra, repórteres pipocavam e também mães aflitas à procura dos filhos.

Só que se eles tivessem demorado mais um pouco veriam Augusto que correu e se aproximou do muro. A campainha luminosa desta vez estava lá. Augusto apertou-a decididamente e, conforme esperava, misteriosamente desapareceu.
Do mesmo modo que aconteceu com Alex, Trevor o atacou.
Augusto fugiu mais que depressa do formidável animal, mas não viu que um monstro se aproximava dele sorrateiramente com uma rede. Porém, Alex, detrás de umas caixas viu e gritou:
- Augusto! Cuidado! Atrás de você!
Augusto virou-se depressa e saltou no momento em que o monstro jogava a rede nele.
A fim de desorientar o monstro, Alex correu para outro lugar.
O monstro era bem lerdo, por isso os dois conseguiram despistá-lo facilmente.
- Você salvou minha vida, cara! Livrou-me de ser pego pelo monstro – disse Augusto.
- Você é que salvou minha vida, Augusto, vindo aqui.
- Pois acho que não adiantou nada, porque fiquei preso também.
- Ainda não. Vai ficar se te puserem na jaula.
- Jaula?!
- Sim, igual a do zoológico. Têm crianças presas lá dentro. Algumas estudam na nossa escola.
- É mesmo? Quem?
- Daniele, Cássia, Francielton, Felipe, Adriana, Alfredo...
Nisso uma aranha subiu na mão de Augusto.
- Ai! – ele a jogou no chão e pisou nela. – Tem aranha aqui!
- Tem bastante. Mas não são venenosas. Tem também rato, lagartixa, minhoca, mosquito, piolho-de-cobra...
- Cruzes! Onde tem piolho-de-cobra tem cobra.
- Quem disse isso?
- Uma amiga de mamãe.
- Eu não acredito nisso. – Mas lembrou-se do que o avô disse sobre rato. Arrepiou-se todo. Contudo, continuou bancando o durão. – É tudo bobagem – concluiu.
- Por que tão fazendo isso com a gente, hem, Alex?
A fim de não amedrontar Augusto, Alex achou melhor não contar o que tinha ouvido. Portanto, respondeu:
- Não sei. Pensam que somos animais ferozes.

- Será? Mas por que caçam a gente? Será que é pra fazer de escravo, como no tempo da escravidão?
- Não sei. – Alex mudou de assunto e falou: - Legal, cara, você ter vindo aqui. Pensei que não viesse.
- Pensou de bobeira, né, cara, porque vim. Tentei ajuda na escola, mas ninguém acreditou em mim. Por isso, vim sozinho.
- Ninguém quem?
- A Professora, a Diretora, todo mundo.
- Que barra, hem, cara!... Estamos perdidos aqui. Mas vamos pro meu esconderijo Número Um. Lá aquele grandalhão bestão não consegue entrar.
- Você mal chegou aqui e já tem esconderijo Número Um?
- Tenho. Foi o primeiro em que fiquei. É o mais seguro.
- Bacana, Alex! Isso é demais!
- Demais, é?... Demais você vai ver quando escurecer.
- Ih! É mesmo, cara! Vai ficar tudo escuro aqui.
- Por isso a gente precisa agir rápido pra sair logo daqui.
No esconderijo Número Um Alex pegou seu lanche, que já estava cheio de formigas.
- Droga! – reclamou ele. – Formigas!
- É só sacudir assim – disse Augusto, mostrando como é que se faz. Tirou as formigas. – Pronto! Agora é só comer.
- E as formigas? Será que saíram todas?
- Sei lá. Acho que sim.
- Será, cara?
- As formigas que ficaram... – disse Augusto - ...meu tio disse uma vez que “formiga é bom pra inteligência”.
- Você também tem cada uma... – disse Alex, sorrindo.
Por fim, apesar do medo, ambos riram, e dividiram o lanche, e o comeram assim mesmo.
- A gente não sabe até que hora vai ficar sem comer – disse Alex.
- Se soubesse, tinha trazido o meu lanche – disse Augusto.
- Mas você não sabia. Nem eu que ia ficar preso de bobeira e ainda te colocar numa fria.
- Não foi nada. Eu vim porque quis. Pra tirar você daqui.
Risos.
Fora os insetos, o local parecia tranqüilo e eles em paz.

Mas não demorou muito vieram dois invasores. Esses mais magros que o grandalhão e capazes de entrar nos vãos dos caixotes.
Todavia, os meninos, menores ainda, eram mais espertos e ágeis que eles. Aqueles se separaram e enganaram estes facilmente. Enquanto um corria para um lado, outro corria para o outro. Os seres estranhos tentavam pegá-los.
A fim de despistá-los, Augusto arrancou umas folhas do caderno de Alex para fazer bolotas e jogar neles.
Ao ouvir barulho de papel, os extraterrestres não sabiam se tapavam os ouvidos ou coçavam o corpo. Ainda saltavam pra lá e pra cá.
Os meninos perceberam tratar-se de seres ultra-sensíveis, isto é, que não suportam barulho de papel ao ser amassado ou rasgado. Deviam sentir também arrepio e/ou queimação no corpo, pois coçavam o corpo o tempo todo.
- Pegamos o ponto fraco deles! – alegrou-se Alex, rindo do desespero dos extraterrestres.
Mais que depressa, rasgaram mais cadernos de Alex.
- Sim, mas vamos acabar com os seus cadernos também.
- Não tem importância. O que importa é a gente sair logo daqui.
Em seguida, propôs para Augusto:
- Vamos fazer assim: enquanto você fica aqui e rasga os cadernos, eu corro lá dentro e solto os outros. Eles devem ter muitos cadernos lá.
- Legal! Vai ser muito divertido, cara! A gente vai dar uma lição nesses grandalhões pra aprenderem a nunca mais invadir nosso planeta.
Alex correu ao local das jaulas, descobriu rapidamente o mecanismo de trava, soltou as crianças e falou:
- Peguem seus cadernos e rasguem as folhas bem depressa. Depois explico por quê.
Todas as crianças rasgaram seus cadernos. Seguiu-se um “Rá! Rá! Rá! Rá! Rá!” desenfreado e irritante.
Não demorou muito apareceram mais figuras esquisitas esperneando e gritando desesperadamente. Até Trevor que era tão valente antes agora uivava e rolava no chão feito um cachorrinho. Estava longe de ser o monstro assustador, terror das crianças.

Alex levou as crianças para perto de Augusto.
Aí o barulho da rasgação de cadernos aumentou. Agora estava insuportável até para os ouvidos humanos.
Entretanto, pararam ao ver um clarão.
- É a passagem secreta! – Augusto gritou, pulando de alegria. – Eles querem se livrar da gente! Vamos correr para lá!
Assim, todos correram para o clarão.
Como em um passe de mágica (ou como se saíssem da máquina do tempo), apareceram subitamente na avenida, no mesmo lugar em que desapareceram.
Estava uma linda tarde de sol, tudo muito calmo ali.
Nenhum transeunte por testemunha.
Nenhuma campainha a provar a história deles.
Nenhum vestígio.
Nada!
Nem sequer um botão luminoso.

- FIM –

Sobre o autor:

José Guimarães e Silva

Nasceu em Cáceres, Estado de Mato Grosso.
O desejo de escrever surgiu de forma espontânea, procurando expressar seus sentimentos e experiências, motivado pela Professora de Português, que sempre elogiava suas redações. E essa motivação cresceu quando foi premiado no concurso literário “Em Breve Nascerá Outro Escritor”, do Serviço Social do Comércio – SESC Carmo, São Paulo (SP). Depois vieram outros prêmios.
Morou em Cuiabá até a idade de 19 anos, passando depois a residir em São Paulo, onde concluiu o curso de Ciências Físicas e Biológicas, Licenciatura Primeiro Grau e Matemática Segundo Grau, na Universidade São Judas Tadeu.
Depois, Mestrado em Matemática na Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.
Deu aulas em escolas da rede estadual e particular de São Paulo.
Reside atualmente em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, Brasil.

Livros publicados:
Companheiro de Viagem, Segunda edição, romance infanto-juvenil, Papel & Virtual Editora, Rio de Janeiro (RJ).
O Desconhecido, conto, Coletânea “Nova Literatura Brasileira”, Shogun Editora e Arte, Rio de Janeiro (RJ).
Keity, romance infanto-juvenil, Virtual Books Editora, Pará de Minas (MG).
Mokolóton, conto que deu origem ao livro Mokolóton, “Prêmio Joaquim Duarte Baptista”, Antologia 17ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, Scortecci Editora, São Paulo (SP) e Virtual Books Editora.
Mokolóton, romance infanto-juvenil, ficção científica, Papel & Virtual Editora, Rio de Janeiro (RJ).
O Ursinho Chorão, conto infantil, Virtual Books Editora.

O Pintinho Amarelinho e Os Patinhos Nadadores, conto infantil, Virtual Books Editora.

Home Pages: http://www.mokoloton.com
http://paginas.terra.com.br/arte/planetamokon e
http://guimasil.sites.uol.com.br

Blogs: http://livrosgratis.blog.terra.com.br e
http://mokoloton.blogsport.com

Atividades em sala de aula:

1 – Qual o nome do livro e do autor?

2 – Qual é a moral da história?

3 – O que você entendeu do livro?

4 – Escreva uma frase sobre o livro.

5 – Você gostou do livro?

6 – Faça um resumo do livro.

7 – Ilustre “A Campainha”, mas tente de imaginá-la de sua cabeça.

Para corresponder com José Guimarães escreva:
guima.sil@bol.com.br e guima.sil@hotmail.com